

13. CIÊNCIA E FILOSOFIA NO PROJETO INTERDISCIPLINAR DA FORMAÇÃO HUMANA: A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE HILTON FERREIRA JAPIASSU.

Antonio Joaquim Severino

PPGE Uninove/Feusp

ajsev@uol.com.br

Data de recepção: 24/12/2017

Data de aprovação: 17/02/2018

Resumo:

O ensaio visa apresentar, de forma sintética, o pensamento filosófico de Hilton Japiassu, mostrando que sua construção como filosofia da ciência se desenvolve articulada a duas outras perspectivas. Evidencia-se, então, que sua proposta filosófica nuclear é a de elaborar a fundamentação de um projeto antropológico que tenha por suporte um processo epistemológico criticamente sustentado que possa ser universalizado mediante um processo formativo garantido por uma educação competente, criativa e crítica. Para tanto, após breve situação biobibliográfica do autor, o texto destaca o pioneirismo de Japiassu na abordagem crítica da prática científica no contexto brasileiro, questionando os pressupostos epistemológicos das tendências científicas, particularmente, na esfera das Ciências Humanas, e explicitando a exigência de sua prática interdisciplinar bem como seu compromisso das mesmas na configuração de um projeto antropológico que se ponha como lastro do projeto educacional. Só uma educação, sustentada na prática da racionalidade crítica, poderá contribuir para a efetiva emancipação das pessoas na sociedade contemporânea, superando-se a condição de alienação em que se encontram nos dias de hoje.

Palavras-chave: epistemologia, filosofia da ciência, Ciências Humanas, interdisciplinaridade.

1. Considerações iniciais

... se o objetivo utópico do transdisciplinar é a unidade do saber, o grande desafio lançado ao pensamento neste incício de século e milênio é a contradição entre, de um lado, os problemas cada vez mais globais, interdependentes e planetários (complexos), do outro, a persistência de um modo de conhecimento ainda privilegiando os saberes disciplinarizados, fragmentados, parcelados e compartimentados (JAPIASSU, 2006, p. 15)

No final de 2015, nos deixou Hilton Ferreira Japiassu, reconhecido representante da filosofia em nosso país. Natural de Carolina, Maranhão, nasceu em 1934. Teve sua iniciação filosófica no Seminário Dominicano *Studium Generale* Santo Tomás de Aquino, de São Paulo, tendo completado sua licenciatura no curso de Filosofia da PUC, do Rio de Janeiro, em 1969, após retorno ao *Studium Generale* Santo Tomás de Aquino, para sua formação eclesiástica em Teologia.

Consolidou essa sólida formação intelectual, tradicional no seio da Ordem Dominicana, fazendo o mestrado em Filosofia, na área da epistemologia, na Universidade de Grenoble, na França, em 1970. Nessa mesma Universidade, doutorou-se em Filosofia, em 1974. Fez pós-doutorado, também na área de epistemologia, na Universidade de Estrasburgo, em 1985. Desde então, de volta ao Brasil, dedicou-se à docência e à pesquisa em Filosofia, tendo sido professor

de Filosofia na PUC e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve intensa atividade acadêmica e cultural no âmbito da filosofia, particularmente no campo da epistemologia e da filosofia da ciência, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação dessa área. Desenvolveu suas pesquisas nesse mesmo campo, com foco especial na esfera das Ciências Humanas, destacando-se a discussão do estatuto científico da Psicologia e da Psicanálise.

Além da tradução de inúmeros textos filosóficos e da publicação de muitos artigos, Japiassu é autor dos seguintes livros: *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975; *O Mito da Neutralidade Científica*. Rio de Janeiro, Imago, 1976; *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1977; *Interpretação e Ideologia*. Rio: Francisco Alves, 1977; *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977; *Nascimento e Morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978; *Psicologia dos Psicólogos*. Rio: Imago, 1979; *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. São Paulo: Letras & Letras, 1979; *Questões Epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1981; *A Pedagogia da Incerteza*. Rio de Janeiro: Imago, 1983; *Psicanálise: Ciência e Contraciência*. Rio de Janeiro: Imago, 1989; *A Revolução Científica Moderna*. Rio: Imago, 1986; *Dicionário Básico de Filosofia* (com Danilo Marcondes). Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1990; *As Paixões da Ciência*. São Paulo: Letras & Letras, 1991; *Saber Astrológico: Impostura Científica?* São Paulo: Letras & Letras, 1992; *Introdução às Ciências Humanas*. São Paulo: Letras & Letras, 1993; *Francis Bacon: O Profeta da Ciência Moderna*. São Paulo: Letras & Letras, 1995; *A Crise da razão e do saber objetivo*. São Paulo: Letras & Letras, 1996; *Um Desafio à Filosofia: Pensar-se nos Dias de Hoje*. São Paulo: Letras & Letras, 1997; *Um Desafio à Educação: Repensar a Pedagogia Científica*. São Paulo: Letras & Letras, 1998; *Nem Tudo é Relativo*. São Paulo: Letras & Letras, 2000; *Desistir de pensar? Nem pensar!* São Paulo: Letras & Letras, 2001; *Ciência e destino humano*. Rio de Janeiro: Imago, 2005; *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006; *Como nasceu a ciência moderna e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2007; *O eclipse da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2009; *Crise das ciências humanas*. 2012; *A face oculta da ciência*. Rio de Janeiro: Imago, 2013; *Ciência: questões impertinentes*. São Paulo: Letras & Letras, 2015.

Perdemos, sim, um intelectual brilhante que militava, incessantemente, mobilizando todo o potencial do conhecimento filosófico para esclarecer e emancipar as pessoas. Não se dirigia prioritariamente aos acadêmicos, pois queria se fazer ouvir por um público mais amplo. Daí sua opção por um estilo de escrita que acompanha o fluxo da fala - o que lhe valeu críticas da parte de especialistas - e sua repetida insistência em determinados aspectos de suas concepções. Chama a atenção o seu cuidado em escolher os títulos de seus escritos: sempre temáticos, precisos, diretos, traduzindo em linguagem acessível ao leitor não especializado, o conteúdo de cada obra. Mas não se trata de linguagem didática, no sentido escolar da palavra, ao contrário, está-se sempre diante de um discurso fluente, provocante, que leva o leitor a seguir um raciocínio denso, mas sem lacunas e argumentações sofisticadas.

O que ele diz especificamente sobre seu último livro, aplica-se perfeitamente a toda sua obra.

Quis simplesmente mostrar a um público amplo, e não necessariamente acadêmico, que, em nosso mundo embriagado de racionalização, eficácia, especialização, competição, busca de notoriedade, ceticismo, consumismo e hedonismo, dominado por rápidas mudanças afetando os homens e a natureza, onde o trabalho, a cultura, os amores e a coisa pública não escapam ao império da confusão e da decepção, torna-se urgente a retomada da reflexão. Não sobre ideias abstratas, mas sobre conceitos vinculados ao real e aos vários saberes, tendo em vista viver a Sabedoria e buscar a Felicidade. Neste sentido, cada um de nós pode se tornar um pensador, alguém que se baseia na lógica da argumentação e da refutação, jamais confundindo as coisas da lógica com a lógica das coisas, e dizer

“Não” a tudo o que degrada o homem. Porque toda sociedade que nega a importância fundamental da racionalidade crítica para resolver seus problemas está mais facilmente exposta a ser vítima de tiranos e charlatães. (GOLDEMBERG, 2011, p. 4).

Este pequeno trecho sintetiza perfeitamente todo o pensamento de Japiassu, expressando bem sua percepção da realidade humana atual e da necessidade da retomada da reflexão como único caminho que pode levar à superação dessa condição de alienação em que nos encontramos. Expressa assim seu projeto unificado: ciência e filosofia retomadas, como ferramentas privilegiadas da espécie, vivenciadas num trabalho educativo que reconstrua integralmente o homem histórico em sua dignidade plena.

A grande preocupação de Japiassu foi suscitar em seus leitores o empenho a pensar e repensar o estado de coisas que tornou o nosso mundo “embriagado de racionalidade, eficácia, velocidade, consumo, arrisca-se paradoxalmente a perder a capacidade de se entender e se ver criticamente”. (GOLDEMBERG, 2011, p.1). E tem a incisiva convicção de que a ciência, com seu prolongamento técnico, tornou-se responsável por essa configuração da civilização atual.

2. Japiassu e o olhar crítico sobre a atividade científica no Brasil.

É reconhecida a precariedade da aclimatação da ciência no Brasil (CRUZ COSTA, 1960; MOTOYAMA, 1979; AZZI, 1985; PAIM, 1986, 1999; DE CICCIO, 1990; AZEVEDO, 1994; VARGAS, 1994; CARVALHO, 1998; SEVERINO, 1999; DANTES, 2017). O sentido da história da ciência no Brasil está intimamente vinculado às relações da sua moldura cultural, desenhada, por sua vez, pela confluência de fatores de ordem econômica, política e social que dão conta da sua experiência nesses cinco séculos de sua integração ao universo ocidental. É em razão desse contexto que a inspiração científica é relativamente recente na cultura brasileira.

Os estudos históricos acima citados mostram que a ciência, no Brasil, começa a se desenvolver nos sécs. XIX e XX, toda impregnada de um prestígio não prioritariamente epistemológico: reveste-se de uma áurea mística, prometeica, não só pelo seu potencial como geradora de tecnologia, mas também como recurso eficaz para a reconstrução político-social da nação. Por isso, só merece uma avaliação positiva, otimista. Toda análise e reflexão filosóficas que dela se faz então assume um tom elogioso e expressa sempre a grande necessidade que dela tem o país.

Não há mesmo como não reconhecer a relevância dessa demanda, tendo em vista o inegável papel que a ciência e tecnologia desempenham no desenvolvimento histórico das sociedades e o atraso real da cultura brasileira no que concerne à prática científica. Assim, é bem compreensível o fascínio que a ciência exercia na elite intelectual do país e a ausência de um olhar mais crítico sobre ela.

É nesse cenário que ganha pioneirismo a abordagem de Japiassu, ao insistir sistematicamente na constituição de uma filosofia da ciência de cunho inovadoramente crítico. Sem dúvida, uma abordagem epistemológica de perfil crítico já se fazia presente no movimento geral da filosofia contemporânea ocidental. Japiassu mergulhara fundo nas perspectivas fenomenológicas, ao se tornar leitor atento de Bachelard, Piaget, Husserl, Merleau-Ponty e Ricoeur, entre outras grandes referências epistemológicas, que já reconheciam as insuficiências e limitações do paradigma positivista.

Mas com certeza sentiu-se igualmente provocado e desafiado pela hegemonia avassaladora desempenhada pelo positivismo na teoria e na prática dos pensadores brasileiros, tanto nas universidades, em contexto de ensino, como nos demais espaços de produção de conhecimento científico. Daí seu empenho em despertar os estudantes e demais estudiosos para a necessidade de uma inflexão nos investimentos filosóficos, buscando-se uma reavaliação dos fundamentos epistemológicos da ciência e de seu papel na cultura humana.

Dedica-se, então, a mostrar que o conhecimento científico é uma prática histórica concreta e não um modelo puramente lógico, ideal e a-histórico. Ele se dá num devir, num processo contínuo de passagem de um estágio de menor conhecimento a um estágio de conhecimento maior. Por isso mesmo, não é possível se apropriar do conhecimento científico se não se retomar historicamente as ciências, explicitando-se seus processos formativos lógicos, psicológicos, históricos e sociológicos. Como atividade social, a ciência se envolve necessariamente com o contexto histórico-cultural de sua produção. Ela está sempre enredada com um fundo ideológico, travestindo um sentido social e político.

Japiassu, situando-se nessa perspectiva abrangente, veio refletindo sistematicamente sobre a atividade científica. De um primeiro ângulo, procura delinear uma discussão sobre a tarefa epistemológica, cujo sentido ele busca delinear, estabelecendo assim sua própria perspectiva de investigação e de reflexão; um segundo núcleo é aquele da denúncia do processo de mitificação da ciência vinculado à concepção positivista da atividade científica. Daí a cobrança incisiva da interdisciplinaridade, pois impõe-se superar a fragmentação do saber que ocorreu por injunção da postura positivista.

Inspirado por Bachelard, Japiassu procura delinear, com sua reflexão epistemológica, o novo espírito científico. A epistemologia contemporânea, sensível à impregnação da cultura pela ciência, parte necessariamente de uma reflexão sobre a mesma. É através da ciência que se pode colocar, legitimamente, nos dias de hoje, o problema filosófico do conhecimento.

Com efeito,

a epistemologia outra coisa não é senão essa atitude reflexiva e crítica que permite submeter a prática científica a um exame que, diferentemente das teorias clássicas do conhecimento, não se aplica mais à ciência verdadeira – de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade e de coerência lógica, bem como seus títulos de legitimidade ou de validação -, mas à ciência em vias de se fazer, em suas condições reais e concretas de realização, dentro de determinado contexto sociocultural (JAPIASSU, 1983, p. 61).

A diferença entre a epistemologia crítica e as epistemologias clássicas está na própria perspectiva de abordagem originária da ciência: enquanto estas abordam a ciência como um saber verdadeiro já dado, ou seja, a ciência como um conhecimento-estado, a epistemologia crítica a considera como um conhecimento-processo. Ela se dedica a revelar a processualidade das ciências. Isto implica a consideração da ciência como um produto humano e, por isso, uma realidade sócio-histórica. Ela está sempre fazendo-se e construindo-se num estado de constante inacabamento. Ciência acabada é um absurdo epistemológico, um dogma imutável, objeto de crença e não de saber racional.

Japiassu identifica três grandes direcionamentos epistemológicos na atualidade filosófica que assumem a discussão sobre a prática científica, distinguindo-se das abordagens clássicas que, por seu turno, vinculam-se a uma concepção excessivamente subjetivista. Coloca-se no contexto destas orientações epistemológicas contemporâneas, em relação às quais situa sua posição específica: aquela de uma epistemologia crítica. (JAPIASSU, 1975, 1976, 1996)

A primeira direção da epistemologia contemporânea é aquela vinculada às orientações das filosofias empiristas e neopositivistas. Trata-se então de uma "epistemologia lógica", uma vez que sua preocupação é com a construção lógico-formal da linguagem posta em prática no discurso científico. Está em questão, fundamentalmente, a validade dos enunciados científicos tanto em relação à referência empírica quanto em relação à coerência lógico-formal de suas articulações.

A segunda direção é aquela assumida pela epistemologia genética, tal qual vem sendo praticada

no âmbito da perspectiva do estruturalismo genético-construtivista. A preocupação no caso é a articulação do conhecimento com os vários estágios de amadurecimento pelos quais passa a mente humana ao se desenvolver. A cada estágio de desenvolvimento estabelece-se a possibilidade de um novo nível de conhecimento. Assim, o conhecimento científico corresponde a um determinado nível de possibilidade de procedimento lógico da razão.

A terceira direção da epistemologia contemporânea, na visão de Japiassu, é a epistemologia histórico-crítica: direção tomada por aqueles pensadores que procuram desenvolver uma análise da própria ciência, relacionando seu processo com coordenadas histórico-culturais. A ciência é então vista como fruto de condições sócio-culturais bem determinadas.

A posição de Japiassu, que ele denomina de epistemologia crítica, não deixa de incorporar contribuições dessas três direções. Mas ressalta que seu procedimento epistemológico assume um enfoque particularmente crítico, no sentido em que se propõe interrogar sobre a responsabilidade social dos cientistas e dos técnicos. Por assim dizer, as demais epistemologias não questionavam a ciência; admitiam-na como uma verdade indiscutível, buscando-se apenas entender e aprimorar os seus procedimentos e o seu alcance. Agora o que se coloca em questão é a própria significação da ciência.

Isto quer dizer que a significação da ciência não pode ser estabelecida de modo neutro ou objetivo. É que a ciência não se reduz a um processo de saber: ela é também um processo social de poder. Ela é uma instituição social que se insere num processo dialético mais amplo que envolve a prática dos cientistas no âmbito da sociedade. Na realidade, Japiassu está chamando a atenção para o fato do poder manipulador da ciência, seja mediante seu uso técnico, seja mediante seu uso ideológico. "Assim, o que pretendo mostrar a 'epistemologia crítica', é que a verdadeira significação da ciência não reside mais no 'saber enquanto tal', mas no 'poder' que ele efetivamente confere" (1978, p. 146). Hoje conhecer consiste em "saber que se sabe fazer", não havendo grande diferença entre ciência e técnica.

O cientificismo, visão ideológica da ciência, assume todas as características de uma religião. O ensino e o saber da ciência são dogmáticos, só podendo ser praticados por *experts*. E assim sendo, suas verdades são apresentadas como absolutas e indiscutíveis, não podendo ser questionadas.

Por outro lado, o uso dos conhecimentos científicos pela técnica, ao dar aos homens tão grande poder de manipulação da natureza, transforma a ciência num instrumento também de manipulação social e política. Os grupos se apropriam do saber para utilizá-lo como instrumento de poder. E os donos do poder acabam determinando os tipos de saber que lhes interessa, impondo, aos próprios cientistas, uma atitude extremamente ambígua.

3. O projeto antropológico como tarefa das Ciências Humanas

Como o objetivo não é apenas esclarecer o perfil e o sentido da postura científica, mas sobretudo reconstituir, em novas bases, a realidade da condição existencial do homem, as Ciências Humanas tornam-se objeto de uma atenção especial (JAPIASSU, 1983, 1993, 2012) e, dentre elas, as ciências do campo psicológico (1979a, 1979b, 1998, 2009), dada sua relevância na constituição dessa imagem e sua arrogância reducionista ao pretender-se hegemônica nessa tarefa. Sobretudo em decorrência dessa construção antropológica, a prática do novo espírito científico a ser implementada pelas Ciências Humanas exige uma radical interdisciplinaridade, outra temática recorrente do discurso de Japiassu.

A crítica que ele faz aos desvirtuamentos da ciência não significa, de modo algum, o desconhecimento de sua fecundidade epistemológica. Ao contrário, a crítica vai no sentido de livrar as ciências, de modo particular as Ciências Humanas, de comprometimentos positivistas para que elas possam dar a sua grande contribuição, ou seja, a construção de um projeto

antropológico. O que o autor vem se propondo denunciar

São algumas de suas ilusões, entre as quais destacam-se duas: a de serem ciências e a de serem humanas. Porque tudo indica que, em nossos dias, sua pretensa cientificidade é proporcional a sua desumanidade. Quanto mais 'científicas' se tornam, menos humanas se revelam (1978, p. 9).

Na realidade, Japiassu persegue um resgate do homem que, por assim dizer, acabou alijado do universo do saber. As Ciências Humanas, em decorrência do tipo de processo de sua constituição, "não somente negam o sujeito, mas também o objeto 'homem'" (1978, p.10-11). Nesse sentido, as várias propostas epistemológicas são criticadas por Japiassu, a começar pelo empirismo, filosofia que foi a artesã dessa negação do homem, consequentemente anti-humanista. Mas o ser do homem insiste em colocar em questão "a extraterritorialidade implícita do sujeito do conhecimento, postulada pela ciência moderna" (1978, p. 11). De seu lado, o positivismo tentou "salvar a ciência enquanto discurso objetivo, mas ao preço de uma proscrição do homem; a hermenêutica tentou salvar a unidade e a presença do sujeito em si, postuladas pelo discurso filosófico, mas não conseguiu salvar a ciência" (1978, p. 11). Por isso mesmo, também fracassa o projeto estruturalista: "articular uma teoria do sujeito e uma teoria da ciência. Todavia também nesse projeto o homem se desvanece como objeto de conhecimento" (1978, p. 11).

O problema do homem continua presente e desafiando as Ciências Humanas e a Filosofia. Será que o homem hoje é "a figura de um novo objeto oferecendo-se ao estudo científico? Ou será que devemos ver nele um momento de contestação no qual a ciência, enquanto projeto de *mathesis universalis*, é posta em questão?" (1978, p. 11). E Japiassu continua, afirmando que "o ser do homem, que não é coisa nem consciência, constitui um modo de ser do pensamento, mas onde o pensamento não se deixa apreender nos atos reflexivos do Cogito nem tampouco consegue atingir uma positividade acessível do exterior" (1978, p. 11). Para enfrentar esse desafio, entende que

Talvez seja preciso adotarmos uma atitude de coragem, que certamente passa pela suspeita e pela redução, mas que deva retomar a medida de seu saber, de suas possibilidades, a fim de que, renunciando às suas ilusões, possa aproximar-se desse nosso próprio enigma, que é o homem (1978, p. 12).

Este projeto revela-se então como tentativa de não cortar a reflexão da vida.

A suspeita crítica a que o autor submete as Ciências Humanas se apoia no acompanhamento analítico de sua gênese e desenvolvimento, que se dão mediante uma sucessão de modelos de inteligibilidade e de cosmovisões, na descontinuidade das épocas culturais.

As ciências humanas nasceram e se desenvolveram, libertando-se da filosofia, dentro do espírito de positividade elaborado pelas ciências naturais, de que pretenderam tomar de empréstimo os modelos de inteligibilidade para dar conta de seu real humano (1978, p. 12).

Japiassu fala então do "processo de desantropologização crescente" que acaba comprometendo o caráter de humanidade das Ciências Humanas.

4. A Psicologia e suas ilusões científicas

No âmbito de seu investimento com vistas à explicitação do estatuto das Ciências Humanas, a Psicologia ocupa lugar especial na reflexão crítica de Japiassu. Embora reconheça que também a Sociologia desempenha idêntico papel na tradição das Ciências Humanas em operar a negação

do homem, na realidade suas análises se voltam mais à Psicologia, dado talvez o reconhecimento de uma certa ancestralidade dessa disciplina na tentativa de construção do saber sobre o homem.

Na sua retomada da gênese e da trajetória histórica da Psicologia, Japiassu mostra quanto foi desastrosa, para o homem, a tentativa de autoinstituição dessa disciplina como pretensa ciência. Seu esforço, ao deixar de ser especulação sobre a alma ou sobre a essência do homem, para se tornar uma ciência da conduta humana, não logrou grandes resultados.

Para se constituir como ciência, a Psicologia se deu o imperativo metodológico de superação do homem uma vez que só haveria

Conhecimento psicológico racional objetivo quando for capaz de renunciar aos apelos que, a propósito de 'homem', lançar-nos a ideia que gostaríamos de ter dele para afirmá-la ou salvá-lo. E escapando à ordem dos valores que a psicologia ingressa na ordem dos fatos. O equívoco olhar de Narciso, tentado por sua própria beleza, deve dar lugar a um olhar frio e escrupuloso, calculista e calculador (1978, p. 254).

Nessa sua arrancada, a Psicologia não se deu conta de que não era possível "instaurar de modo decisivo a dessacralização do objeto nem tampouco [...] ser aplicado, de modo peremptório, o conceito de corte epistemológico" (1978, p. 255). Por isso mesmo, Japiassu vê na obra de Freud o melhor caminho para um redimensionamento da Psicologia como uma autêntica Ciência Humana. É que Freud, como bem o mostra o complexo de Édipo no centro de sua concepção do psiquismo, conclui que não há possibilidade de um sujeito livre de sua interioridade, de um homem apreensível fora dessa umbilical vinculação com o lastro inconsciente de uma subjetividade, lugar do desejo e da produção simbólica.

5. A interdisciplinaridade necessária na prática científica.

A postura interdisciplinar, para Japiassu, é uma exigência que está se impondo não em função das necessidades específicas do saber, mas também daquelas vinculadas à prática. Além disso, não se trata de apenas de "certas convergências pluridisciplinares", mas de um espírito epistemológico suficientemente amplo para que cada especialista "possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade" (1976, p. 34-35). A interdisciplinaridade é enfocada, pelo autor, com uma exigência interna das Ciências Humanas, "como uma necessidade para uma melhor inteligência da realidade que elas nos fazem conhecer" (1977, p. 29).

Mas, dizendo respeito também às necessidades da ação, busca a convergência dessas ciências no esforço conjunto de elaboração de uma interpretação global da existência humana. De um lado, o conhecimento interdisciplinar estará tentando suplantar uma epistemologia da dissociação do saber, dissociação entre pensamento teórico e ação informada. As ciências se encontram num estado de esmigalhamento total, de esfacelamento, de fragmentação, de compartimentalização. O que constitui, na realidade, uma patologia. O interdisciplinar é apresentado então pelo autor como "o remédio mais adequado à cancerização ou à patologia geral do saber" (1977, p. 31). Não se trata, obviamente, de "uma panaceia científica" ou de um empreendimento dissociado das características sociais e intelectuais da comunidade dos pesquisadores" (1977, p. 31). Mas é um processo de trabalho científico no qual o espírito de concorrência e de propriedade epistemológica, entre os pesquisadores, cede lugar a um processo comum de busca de "interação, entre duas ou mais disciplinas, de seus conceitos diretrizes, de sua metodologia, de sua epistemologia, de seus procedimentos, de seus dados, bem como da organização da pesquisa e do ensino que dela possa decorrer" (1976, p. 32).

A prática efetiva da interdisciplinaridade tem muito a ver com a instituição universitária. Com

efeito, a Universidade foi criada com base na exigência dessa comunidade de saber que se afirma na unidade das disciplinas e do processo educativo. A Universidade não pode ser apenas um depósito central de cultura.

6. Considerações finais

Finalmente, há que se reconhecer uma outra dimensão do pensamento de Japiassu: busca explicitar as implicações pedagógico-educacionais desse novo espírito científico no contexto histórico-cultural contemporâneo, momento em que busca construir uma pedagogia da incerteza, propondo uma reconstrução científica da Pedagogia (JAPIASSU, 1983, 1998).

Japiassu não publicou trabalhos explicitamente dedicados à temática educacional. Mas esta está pressuposta e subjacente em toda sua obra, ao problematizar o papel do conhecimento humano. Não sem razão, a própria natureza comunicativa de sua escrita é inteiramente praticada no sentido de se tornar acessível a todo público a ser educado. Em decorrência de toda a sua compreensão do ser e do conhecer humanos, os saberes filosófico e científico demandam necessariamente uma articulação íntima e profunda com o pedagógico. Ou seja, o exercício do pensar, seja ele sob a modalidade científica ou sob a modalidade filosófica, pressupõe um contínuo aprendizado, uma convivência íntima e constante, por parte de todos os sujeitos, em decorrência da própria natureza desses saberes. Eles são, de *per si*, formativos do humano. Encontra-se aí, nessa educabilidade dos homens, a gênese do processo institucionalizado da educação. O exercício do conhecimento só ganha seu pleno sentido quando inerente ao processo educativo, mediante o qual todos os sujeitos possam compartilhar dos bens simbólicos da cultura, aí inclusos os benefícios do próprio conhecimento, dos frutos da ciência e da cultura. É graças a esse compartilhamento que a humanidade se constitui como especificamente humana, tanto na dimensão filogenética como na dimensão ontogenética.

Se com a formação do ser humano, a educação busca passar-lhe conhecimentos, valores, normas de conduta, portanto, está visando uma mudança na sua vida, está intervindo na vida dele, propondo-lhe determinadas escolhas, o único processo legítimo de fazê-lo é apresentando-lhe justificativas sólidas: e esta só pode ser assimilada e apropriada pelo educando se ela fizer sentido para ele, se ele a entender e compreender, só essa compreensão pode tornar a proposta desejada e dinâmica, ou seja, eficaz, levando-o a novas decisões e a ações coerentes com essas decisões. Encontra-se aí a cúmplice parceria entre filosofia e ciência. Com efeito, se os conhecimentos científicos nos ajudam a entender as coisas, são os conhecimentos filosóficos que nos ajudam a compreendê-las, ou seja, a situá-los no conjunto de sentidos que norteiam a existência humana.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de, (Org.) **As Ciências no Brasil**, 2 vols. São Paulo: Melhoramentos, 1955; reimpressão UFRJ, 1994.

AZZI, Riolando. A influência do iluminismo e o despertar do interesse científico no Brasil. **Reflexão**. Campinas: PUCCamp, Ano 10, n. 31, p. 77-104, jan./abr. 1985.

CARVALHO, J. Maurício de. Ecloração no Brasil das vertentes positivistas. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia. Vol. 44, fasc. 191, jul./ago 1998. p. 271-282.

CRUZ COSTA, João. **Panorama da filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. **Ciência e**

Cultura, São Paulo, v. 57, n.1, p. 26-29, Mar. 2005. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

DE CICCO, Cláudio. A filosofia de Augusto Comte e o movimento republicano no Brasil: a erosão do modelo positivista de regeneração. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1990, p. 57-80.

GOLDEMBERG, Nicolau K. **Entrevista com Hilton Japiassu, a respeito do livro Ciência, questões impertinentes**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011. Disponível em:
<https://editoraideiaseltras.wordpress.com/2011/03/24/entrevista-com-hilton-japiassu-autor-do-livro-ciencias-questoes-impertinentes/>. Acesso em: 26 jan. 2018.

JAPIASSU, Hilton F. Introdução ao pensamento epistemológico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. **Introdução à Epistemologia da Psicologia**. São Paulo: Letras & Letras, 1979a.

_____. **A psicologia dos psicólogos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979b.

_____. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

_____. **A Pedagogia da incerteza**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. **Introdução às Ciências Humanas**. São Paulo: Letras & Letras, 1993.

_____. **Um Desafio à Educação: Repensar a Pedagogia Científica**. São Paulo: Letras & Letras, 1998b

_____. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. **O eclipse da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

_____. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Letras & Letras, 2012.

MOTOYAMA, Shozo, **História das Ciências no Brasil**, 3 vols. São Paulo: Edusp/CNPq, 1979.

PAIM, Antônio. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Convívio, 1986.

_____. **Os intérpretes da filosofia brasileira: Estudos complementares à História das Ideias Filosóficas no Brasil**. v. I. Londrina: Editora UEL, 1999.

SEVERINO, Antônio J. Hilton Ferreira Japiassu: por uma epistemologia crítica. In: **A Filosofia Contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 87-102.

VARGAS, Milton, (Org.). **História da Técnica e da Tecnologia no Brasil**. São Paulo: Unesp, 1994.

Abstract:

The essay aims to present, in a synthetic way, the philosophical thought of Hilton Japiassu, showing that its construction as a philosophy of science develops articulated to two other perspectives. It points then that its nuclear philosophical proposal is to elaborate the foundation of an anthropological project that has as support a critically sustained epistemological process that can be universalized through a formative process guaranteed by a competent, creative and critical education. For this, after a brief bibliographical situation of the author, the text highlights the pioneerism of Japiassu in the critical approach of scientific practice in the Brazilian context, questioning the epistemological assumptions of the scientific tendencies, particularly in the sphere of the Human Sciences, and explaining the requirement of its interdisciplinary practice as well as their commitment in the configuration of an anthropological project that becomes the ballast of the educational project. Only an education, sustained in the practice of critical rationality, can contribute to the effective emancipation of people in contemporary society, surpassing the condition of alienation in which they are today.

Keywords: epistemology, philosophy of science, human sciences, interdisciplinarity.